

Elaborando Proposta Curricular para o Ensino de Libras e Língua Portuguesa no Ensino de Surdos

Área Temática de Educação

Resumo

Superada a discussão inicial sobre a adequação da educação bilíngüe para a educação de surdos, uma série de questões didático-pedagógicas se colocam, entre as quais as que versam sobre os papéis das línguas de sinais e portuguesa nesta área de ensino. A fim de assessorarmos uma escola para surdos no equacionamento destas questões, temos como objetivo geral, deste projeto, coordenar, observar e analisar o processo de construção de seu projeto político-pedagógico, quanto a definição do espaço curricular da Libras e da Língua Portuguesa. Desenvolvemos este projeto de extensão, através de duas ações básicas: (1) formação, em serviço, de instrutores de Língua Brasileira de Sinais (Libras), acompanhando-os nos planejamentos de aula e em suas reflexões metodológicas de ensino da Libras, até que autonomamente reflitam e organizem seu trabalho; (2) seções de estudo para aprofundamento das discussões teóricas sobre o ensino de língua portuguesa, particularmente a partir de uma perspectiva de ensino de L2, visando um novo dimensionamento curricular dessa língua e das práticas pedagógicas em sala de aula. Apesar deste projeto encontrar-se em andamento, podemos afirmar que mudanças significativas, principalmente de atitudes, em relação à surdez e ao ensino de surdos vêm ocorrendo tanto por parte dos ouvintes como dos surdos.

Autoras

Kaliandra Kaline Silva Cavalcante (aluna extensionista)

Janeíse Taveira Candeia (aluna extensionista)

Jamille Souza Duarte (aluna extensionista)

Verônica Domingos da Silva (aluna extensionista)

Shirley Barbosa das Neves Porto (professora coordenadora)

Eleny Gianini (professora)

Instituição

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Palavras-chave: educação bilíngüe; surdez; ensino de línguas

Introdução e objetivo

Este trabalho traz algumas considerações sobre o projeto de extensão intitulado “Elaborando uma proposta curricular para o ensino de Libras e Língua Portuguesa no ensino de surdos”, realizado na Escola de Audiocomunicação de Campina Grande “Demóstenes Cunha Lima” (EDAC), instituição criada pelos professores da UFCG, responsáveis pela área de Educação de Surdos, que prestam assessoria pedagógica, através de atividade extensionista, desde a sua fundação. Trata de uma continuidade de projetos anteriores, desenvolvidos em 2000, 2001 e 2002, que tinham como objetivo contribuir para a construção do projeto político-pedagógico (PPP) dessa instituição, específica para surdos.

Inicialmente, propomo-nos a definir as concepções de surdez, educação e papel da escola para surdos, bases que fundamentam o PPP. Em um segundo momento, foi analisado qual a escola que temos e a que queremos. No momento, as discussões versam sobre o espaço

informal e instrucional das línguas usadas pela comunidade escolar: língua de sinais e língua portuguesa (nas modalidades oral e escrita).

Durante os vinte e um anos de assessoria à EDAC, temos amadurecido nossas reflexões sobre a surdez através da possibilidade dialética de análise das produções teóricas a que temos acesso e a prática pedagógica nessa escola. Desde que assumimos, conjuntamente com os professores da Escola, a perspectiva bilíngüe de educação de surdos, houve uma preocupação com o aprendizado da Língua de Sinais (para nós no Brasil, a Libras) como primeira língua dos surdos (L1) e o entendimento de que era necessário criar um currículo para a língua portuguesa como segunda língua (L2).

Superada a discussão sobre a importância da educação bilíngüe, ainda há uma série de questões de cunho político-pedagógico que merecem reflexão e necessitam de uma posição dentro das escolas bilíngües para surdos. Uma dessas questões diz respeito ao papel e espaço das Línguas de Sinais e Portuguesa na organização curricular da escola. Desse modo, não basta à escola bilíngüe para surdos usar do discurso de que é preciso ter a língua de sinais para garantir o desenvolvimento pleno desses sujeitos. É preciso respeitar os espaços de uso das duas línguas, sabendo que isto demanda entendimento sobre a dialética existente na relação língua e cultura.

Para Sacks (1998), a língua de sinais existe e se sustenta sobre dois pilares o biológico e o cultural:

"No caso da língua de Sinais, aquilo que a distingue, seu "caráter", é também biológico, pois se alicerça nos gestos, na iconicidade, numa visualidade radical que a diferencia de todas as línguas faladas. A língua emerge – biologicamente – de baixo, da necessidade irreprimível que tem o indivíduo humano de pensar e se comunicar. Mas ela também é gerada, e transmitida – culturalmente – de cima, uma viva e urgente incorporação da história, de visões de mundo, das imagens e paixões de um povo. A língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a um outro modo sensorial; mas é também, e igualmente, uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas". (p.136)

É a partir do reconhecimento das peculiaridades lingüísticas dos surdos e do respeito aos seus modos de construção e apropriação da linguagem que a escola bilíngüe para surdos precisa repensar seu currículo da língua portuguesa e assumir politicamente a língua de sinais através da sistematização do currículo de Libras, pois, para que a língua de sinais seja usada em toda sua plenitude por todos, surdos e ouvintes, é preciso que ela se torne objeto de estudo sistemático dentro dos espaços escolares.

Para tanto, é preciso reflexão sobre o status lingüístico da língua de sinais e da língua portuguesa que habitam a escola para surdos, assumindo, como condição sine qua non para a construção de um currículo realmente bilíngüe, que o espaço lingüístico da escola é marcado por conflitos de poder e valor sobre as línguas. Segundo Dorziat (1999), não é mais possível ter a ilusão de que os espaços escolares, as técnicas e procedimentos de ensino são neutros, sem influências ideológicas e conceituais.

Desse modo, é imprescindível que os professores ouvintes e surdos tenham o entendimento da necessidade e respeito aos espaços das línguas. Assim, repensar o uso social e educacional das línguas portuguesa e de sinais e seus contextos culturais de uso faz-se necessário e urgente para que política e efetivamente as duas línguas se constituam democraticamente na escola para surdos.

Além do mais, segundo Hoffmeister (1999), a completa acessibilidade formativa e instrucional para os surdos só se dará com o aprendizado da língua majoritária através da escrita. Para ele, "(...) há duas estratégias principais que são: usar uma língua para ensinar sobre outra língua; (...) usar uma língua para ensinar informações/conteúdos". (p.118)

No entanto, ainda, nos dias de hoje, no Brasil, poucas são as referências de sistematização curricular para o ensino dessas línguas. Entendemos que duas ações são

prementes para que isto se efetive. A primeira, a de formação continuada dos instrutores de Libras, tanto no ensino da língua como L1 para os surdos como no ensino para os ouvintes, pois, será através dela que a autonomia teórico-metodológica se constituirá, tornando-os não apenas executores de lista de conteúdos a serem trabalhados em sala, mas em pensadores, elaboradores reflexivos do currículo. Essa problemática da formação dos surdos para tornarem-se educadores e não "dadores" de aulas língua de sinais é levantada por Lacerda, Mantellato e Lodi (2000): "(...) no Brasil, é difícil que a formação breve do instrutor surdo consiga contemplar todos os aspectos desejados. A formação de um educador cômico de seu papel de gerar situações discursivamente interessantes e contextualizadas para seus alunos, levando em conta suas características e peculiaridades para a aquisição da língua de sinais, é tarefa árdua e requer uma formação continuada e aprofundada".(p. 5)

Entendemos que não é cabível, no momento atual da educação dos surdos, esperar que os instrutores tenham formação técnica ou em nível superior para depois entrar em sala de aula. No momento, a melhor opção é a formação continuada, a reflexão sobre a ação, além de estudos de cunho teórico e metodológico.

A segunda ação refere-se à contínua reflexão sobre o papel da língua portuguesa na vida do surdo e como a escola bilíngüe significa e sistematiza essa língua. Para tanto, pensamos que é necessário aprofundar as discussões teóricas sobre o ensino de língua portuguesa, particularmente a partir de uma perspectiva de ensino de L2, visando um novo dimensionamento curricular dessa língua e das práticas pedagógicas em sala de aula.

As primeiras reflexões seguem para o entendimento conceitual da diferença de aprendizagem de leitura em L1 e L2 para qualquer indivíduo. Numa perspectiva de ensino do português como L2 para surdos, este conhecimento faz a diferença sobre a percepção e a compreensão que o professor tem sobre o surdo e sua relação com a língua portuguesa, sobre o erro e sua função no processo de ensino-aprendizagem, sobre a autonomia leitora e por fim sobre os resultados nos textos escritos dos surdos. Para Salles et.alli. (2002), a tarefa de adquirir uma segunda língua consiste em "(...) domínio dos elementos do léxico, os quais trazem consigo informações sintáticas, semânticas e fonológicas, bem como das possíveis combinações entre eles, o que resulta no conhecimento da boa ou má-formação (sintática, fonológica e semântica) de seqüências". (p.123)

Todas essas questões específicas das línguas constituem e são constituídas pelos contextos de uso da língua. A língua oral ou a língua de sinais são línguas que existem na interação on line, quaisquer ruídos, desentendimentos, confusões, se percebidos, podem ser desfeitos. A língua escrita se constitui pela relação off line entre os sujeitos e sua existência não se limita a sua natureza lingüística, mas ao social, ao político, ao ideológico. Para Karnopp (2002): "O ponto de partida é um entendimento da natureza da escrita como um ato político, social, mental e lingüístico. Considero a escrita como uma prática social, inserida em relações sociais de uma determinada comunidade, cada uma com suas próprias e complexas práticas convencionais e ideológicas em que o indivíduo precisa encontrar identidade como escritor em que ele se sinta confiante e confortável com a mesma. Argumento ainda que a escrita de surdos é freqüentemente estigmatizada, sendo que as produções textuais são consideradas 'erradas' conforme estabelece o português padrão e, ainda, seus textos não são compreendidos a partir das relações autor-texto-leitor". (p. 56)

Assim, pontuamos os seguintes objetivos para o trabalho de extensão da UFCG na EDAC neste ano de 2004: 1) coordenar estudos teórico-metodológicos sobre o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa como L2 para os surdos; 2) definir um novo currículo de Língua Portuguesa para a EDAC; 3) orientar os instrutores de Libras da EDAC nos planejamentos das atividades de sala-de-aula e dos cursos de Libras oferecidos à comunidade escolar e de Campina Grande, visando a formação continuada e em serviço dos instrutores; 4) iniciar o processo de sistematização de uma proposta de currículo para o ensino

de Libras, tanto para surdos como para ouvintes; 5) participar dos encontros pedagógicos da EDAC, a fim de refletir as questões teórico-metodológicas referentes ao ensino de surdos, com toda a equipe pedagógica da Escola.

Metodologia

Desenvolvemos este trabalho através das seguintes ações, realizadas na EDAC:

1. Para a discussão sobre os espaços das línguas envolvidas na EDAC (Libras e Português), participamos dos encontros pedagógicos da EDAC, realizados quinzenalmente, com toda a equipe pedagógica da escola. Nestes encontros, coordenamos estudos e debates sobre os temas acima referidos, sempre que se faz necessário.

2. Para o aprofundamento teórico-metodológico sobre o ensino de Língua Portuguesa, coordenamos sessões de estudo, a serem realizadas também quinzenalmente. Nestas sessões, participam dez professoras que ensinam Língua Portuguesa, como polivalentes ou como regentes de disciplina. Os estudos acontecem a partir de textos teóricos, oficinas para elaboração de propostas metodológicas e avaliação da execução dessas propostas.

A avaliação das propostas tem como base o registro de observações feitas pelas professoras, como também pelas alunas extensionistas, que acompanham o trabalho desenvolvido nas salas de aula.

3. A orientação aos instrutores de Libras é realizada em encontros semanais, para planejamento das atividades de ensino de Libras nas salas de aula da EDAC, bem como nos cursos oferecidos a ouvintes da comunidade escolar e de Campina Grande. Ao longo dos planejamentos, a partir da avaliação das atividades desenvolvidas em sala de aula, estamos iniciado o processo de sistematização de uma proposta curricular para o ensino desta língua.

4. Além destas ações, temos encontros quinzenais com a equipe do projeto (professoras coordenadora e orientadora e alunas extensionistas), para planejamento e avaliação contínua das atividades do projeto.

Resultados e discussão

Ao assumirmos, desde 1995, a proposta bilíngüe para a educação de surdos, a primeira grande mudança na organização curricular da EDAC foi a inserção da Libras como uma disciplina e a perspectiva de ensino da Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como uma segunda língua. Apesar de implementarmos estas mudanças, que consideramos, até hoje, como fundamentais, não havia amadurecimento teórico-metodológico suficiente, tanto por parte dos ouvintes, como por parte dos surdos envolvidos neste processo, para compreendermos as reais implicações de uma proposta bilíngüe, que realmente assuma os aspectos lingüísticos, culturais e políticos dos surdos, no processo educacional.

Tudo era muito novo e incerto: a Libras; a Língua Portuguesa como L2; os status destas duas línguas no espaço escolar; as relações que passaram a existir entre os professores ouvintes e os novos instrutores surdos; a formação específica, tanto dos ouvintes como dos surdos, para atuarem nessa perspectiva, entre outros. Apesar de todas as incertezas, optamos por não esperar equacionar estas questões, para então iniciarmos as mudanças no processo educacional, mas no próprio processo, dar respostas a elas.

Não temos dúvidas de que a educação dos surdos tem de ser bilíngüe. Muitas das incertezas iniciais, já se encontram melhor compreendidas e têm reflexos na prática pedagógica da Escola. Outras, fruto das condições postas neste momento, estão sendo, agora, aprofundadas. Dentre elas, o espaço, tanto instrucional como social, da Libras e da Língua Portuguesa.

Por este motivo, as ações deste projeto estão centradas nestas duas linhas, uma relacionada à questão do ensino de Libras e a outra ao ensino de Língua Portuguesa.

Apresentaremos os resultados por linha de ação, ressaltando que este é um projeto que se encontra em andamento e que, portanto, os dados são parciais.

a) Ensino de Libras: formação continuada dos instrutores

Ao propormos assessorar os instrutores surdos no planejamento das aulas de Libras, existente como disciplina na EDAC, partimos da preocupação com a não existência de uma organização curricular de seu ensino, o que leva a uma falta de clareza sobre o papel dos instrutores junto aos alunos e a um baixo status dessa disciplina, uma vez que não existe uma sistematização e avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Diferentemente dos demais componentes curriculares (matemática, língua portuguesa, história, geografia e ciências), não há conteúdos definidos por série e nem a exigência de avaliação, que permita diagnosticar o nível de aprendizagem e desenvolvimento da Libras por parte dos alunos.

Neste sentido, passamos a realizar, semanalmente, encontros com os quatro instrutores de Libras da EDAC e com a instrutora da escola de surdos de Gado Bravo, cidade próxima a Campina Grande. A referida instrutora foi agregada ao grupo devido à assessoria que a UFCG, também, presta a aquela escola.

Estes encontros dividem-se em dois momentos. O primeiro, é a discussão, a partir da temática explorada pela escola, sobre o que pode ser estudado e pode configurar-se como conteúdo na disciplina de Libras. O segundo, é a organização do plano de aula para a semana e as atividades a serem realizadas pelos instrutores em sala de aula.

Como resultados iniciais desta ação, estamos percebendo uma melhor compreensão, por parte dos instrutores, sobre o fato de que a entrada deles em sala não pode ser espontaneista e que não é apenas para conversas em sinais, mas para ensinar conteúdos específicos, como acontece em qualquer outra disciplina.

Planejar, executar e avaliar são ações que começam a ser compreendidas como necessárias à prática pedagógica e estão relacionadas ao desempenho do professor. Além disso, notamos uma preocupação, por parte destes instrutores, sobre a necessidade de se apropriarem, cada vez mais, do conhecimento lingüístico da Libras.

Consideramos que dois fatores vêm contribuindo para a consciência de que é preciso conhecer mais profundamente a língua, do ponto de vista lingüístico e pedagógico: 1) os próprios planejamentos, uma vez que ao se eleger um conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula, ocorre o estudo teórico deste conteúdo; 2) o curso de formação de instrutores de Libras, que vem sendo oferecido na UFCG e do qual esses instrutores fazem parte. Este curso é composto pelas disciplinas de Libras, Língua Portuguesa, Didática e Prática de Ensino, ministradas pelas professoras que também são responsáveis por este projeto, e conta com carga horária de 160 horas/aula.

Além destes fatores, percebemos que os avanços em relação a esta língua são frutos de um processo de amadurecimento da comunidade surda e a da real apropriação da Libras por parte dos surdos, levando a uma consciência não só lingüística, mas cultural dessa. A compreensão de que a Libras se constitui a partir de sinais oriundos das relações sociais e culturais estabelecidas na comunidade e não de formas de comunicação familiar ou de pequenos grupos de surdos, está levando a uma maior estabilidade da língua e a um cuidado com a distinção entre Libras e LP, distanciando a primeira das formas de português sinalizado, tão utilizado em tempos passados pelos professores ouvintes e incorporado, inocentemente, pelos surdos como forma genuína da Libras.

b) Ensino do Português como L2: encontros de estudo com as professoras

Nesta linha de trabalho, temos dois objetivos. O primeiro é colaborar para a definição dos espaços das línguas dentro da escola para surdos, pois, apesar dessa ser uma discussão presente na educação de surdos e, também, na EDAC, apenas a cerca de um ano começou a ser sistematizada. Para tanto, participamos dos encontros pedagógicos da Escola, realizados quinzenalmente, com toda a equipe técnico-pedagógica, nos quais: (1) promovemos

discussões teórico sobre a questão dos espaços das línguas; (2) procuramos, coletivamente, estabelecer ações que levem a uma nova prática educacional; (3) aproveitamos outras situações que surgem, para provocar reflexões sobre esse assunto.

O segundo objetivo é contribuir na organização curricular do português como L2, pois, nesse caso, a construção do currículo é necessidade pragmática da escola. Nesse sentido, promovemos um grupo de estudo quinzenal, sobre questões teórico-metodológicas do ensino da língua portuguesa para surdos, dos quais participam as professoras, que estão diretamente envolvidas com este ensino.

Quanto ao uso das línguas, a equipe da EDAC professa entender que a Libras deve ocupar, cada vez mais, todos os espaços de interação educacional ou social dentro da escola, sendo que, toda vez que estiver um surdo presente, a comunicação deve acontecer através da Libras. Assim, conseguimos uma mudança de atitude, por parte dos ouvintes, nas interações que ocorrem no cotidiano da Escola, além de um avanço na compreensão da Libras como forma genuína de interação e não mais como mero instrumento pedagógico. No entanto, percebemos que ainda surgem conflitos em algumas situações extra-classe, principalmente quando estas envolvem a participação de professores ouvintes e instrutores surdos, como, por exemplo, nos encontros pedagógicos, que são realizados em Português, apesar do entendimento acima exposto e dos apelos dos instrutores surdos para que ocorram em Libras, pois, apesar da presença de intérpretes, a participação desses fica limitada e empobrecida.

Entendemos que fatos desta natureza fazem parte das relações de poder estabelecidas entre ouvintes e surdos, sendo que serão devidamente equacionadas quando os surdos alcançarem níveis acadêmicos de maior prestígio educacional, comporem a maioria da equipe da escola, entre outros fatores. Neste momento, teremos uma escola de surdos e não uma escola para surdos, alcançando-se, assim, realmente um educação bilíngüe e bicultural plena.

Estamos caminhando, também, na elaboração de uma proposta curricular para o ensino da língua portuguesa como L2 e na sistematização de uma prática pedagógica que julgamos mais adequada ao ensino desta língua para surdos. Os estudos teóricos sobre concepções de ensino de L2, fortalecem o entendimento de que o processo de aprendizagem ocorre a partir das interações sociais que o aluno estabelece com o material escrito, baseadas em seu conhecimento textual, lingüístico e de mundo, e mediadas pela Libras. Entendemos, também, que é a partir do contraste das duas línguas, tornando claro as semelhanças e diferenças existentes entre elas, que avanços significativos no aprendizado da L2 podem ocorrer. Finalmente, por entendermos, de forma mais clara, ser o surdo um ser por excelência vidente, o uso de material visual de apoio vem se tornando imprescindível na prática de sala de aula. Assim, materiais pedagógicos que envolvem o uso de figuras, de vídeos, de desenhos de sinais da Libras, de fotos etc., vêm sendo elaborados e vivenciados, não só com o objetivo de enriquecer as aulas, mas de construirmos uma proposta pedagógica para o ensino de língua portuguesa, que possa a vir ser compartilhada por todos da EDAC e de outras instituições de ensino para surdos.

Conclusões

A EDAC, desde sua criação, em 1983, constitui-se como campo extensão, pesquisa e de estágio para professoras e alunos do curso de Pedagogia, especialmente da Habilitação em Educação de Deficientes da Audiocomunicação, da UFCG. Este intercâmbio permanente permite um enriquecimento mútuo, sendo, na verdade, impossível traçar as histórias da Escola e da Habilitação de forma independente. Muitas das conquistas no campo educacional dos surdos, em Campina Grande, são frutos de estudos, reflexões sobre a prática pedagógica e lutas realizadas por estas duas instituições.

Assim, também, vem acontecendo no aprofundamento das questões teórico-metodológicas referentes ao ensino de Libras e de Língua Portuguesa. Vivenciamos,

conjuntamente, todo o processo, temos o conhecimento efetivo da pluralidade de questões existentes nesta instituição escolar, o que nos permite afirmar que mudanças significativas, principalmente de atitudes, em relação à surdez e ao ensino de surdos vêm ocorrendo tanto por parte dos ouvintes como dos surdos.

Referências bibliográficas

DORZIAT, Ana. Bilingüismo e surdez: para além de uma visão lingüística e metodológica. In: SKLIAR, C. (org). Atualidade da educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, v. 1, 1999.

HOFFMEISTER, Robert J. Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia. In: SKLIAR, C. (org). Atualidade da educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, v. 2, 1999.

LACERDA, Cristina B. F. de, MANTELATTO, Sueli A. C.& LODI, Ana Claudia B. Problematizando o ensino de língua de sinais: discutindo aspectos metodológicos. In: Anais do VI Congreso Latinoamericano de Educacion Bilingüe-Bicultural para Sordos. Santiago de Chile, julho de 2001.

KARNOPP, Lodenir B. A língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, Ana Claudia B. et al. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002,

SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, Heloisa M.M.Lima et al. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília, 2002.

SANCHÉS, C. Los sordos, la alfabetización y la lectura: sugerencias para la desmistificación del tema. In.: Anais do VI Congreso Latinoamericano de Educación Bilingüe-Bicultural para Sordos. Santiago de Chile, 2001.